

Questões históricas e culturais presentes no mito de Semíramis segundo Marco Juniano Justino

Historical and Cultural Issues Present in the Myth of Semiramis According
to Marcus Junianus Justinus

Matheus Carmo¹
Sofia Amélia Rego D'Andrea²

Resumo: Muitas vezes, a palavra "mito" é entendida como sinônimo de "mentira". No entanto, na pesquisa histórica, o mito tem muito a revelar ao historiador, pois pode fornecer informações sobre figuras históricas que inspiraram a construção de determinado mito, bem como sobre aspectos políticos e sociais subjacentes à formação da narrativa mítica. No presente artigo, abordaremos o mito de Semíramis, conforme apresentado no *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, de Marco Juniano Justino. Mais do que uma mera análise do mito, buscaremos lançar hipóteses sobre suas origens históricas e literárias, assim como os motivos que levaram o autor a caracterizar Semíramis e seu filho Nínias de maneira negativa e pejorativa. Para isso, situaremos a escrita de Justino no seu contexto histórico de criação, a fim de melhor compreender tais desenvolvimentos.

Palavras-chave: Semíramis; Justino; Sammuramat; mito; Roma.

Abstract: The word "myth" is often understood as a synonym for "falsehood." However, in historical research, myth has much to reveal to the historian, as it can provide insights into historical figures who inspired the construction of a given myth, as well as into the political and social aspects underlying the formation of the mythical narrative. In this article, we will address the myth of Semiramis as presented in *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, by Marcus Junianus Justinus. More than a mere analysis of the myth, we aim to propose hypotheses regarding its historical and literary origins, as well as the reasons that led the author to portray Semiramis and her son Ninus in a negative and pejorative light. To achieve this, we will situate Justinus' writing within its historical context in order to better understand these developments.

Keywords: Semiramis; Justinus; Sammuramat; myth; Rome.

Introdução

Na Antiguidade, assim como em nossa sociedade contemporânea, circulavam

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É graduado em História e em Ciência da Religião pela mesma instituição. Possui especializações em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Ciência da Religião pela UFJF. Concluiu mestrado em História e em Ciência da Religião, ambos pela UFJF.

Lattes: <https://encurtador.com.br/DOi15> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0076-5866>
E-mail: mateuscarmo.ms@gmail.com

² Mestranda e licenciada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Lattes: <https://encurtador.com.br/y2rfh>

diversos mitos religiosos e políticos associados a figuras proeminentes. Essas narrativas frequentemente envolviam feitos extraordinários — heroicos, deprecatórios ou sobrenaturais — protagonizados por deuses, semideuses ou personagens míticos. Uma característica marcante dos mitos antigos é sua multiplicidade de versões. Dependendo do autor ou da tradição oral em que se inscreviam, os relatos podiam apresentar variações significativas, com acréscimos, omissões ou adaptações de detalhes conforme o contexto histórico e cultural em que eram transmitidos.

O mito pode ser compreendido como uma narrativa fantástica e maravilhosa sobre determinados personagens — humanos ou divinos — situada em um tempo primordial. No entanto, na pesquisa histórica das religiões, o mito não é tratado como uma simples falsidade, como no senso comum, mas como um discurso simbólico que carrega elementos históricos e sociais de seu tempo. Paul Veyne (1987, p. 83) expressa essa abordagem ao afirmar que “a explicação do mito é a realidade histórica que ele reflete”. De forma análoga, Evêmero de Messina, na Antiguidade, interpretava os deuses gregos como figuras humanas que, após realizarem grandes feitos, foram divinizadas. Assim, tanto o historiador quanto o cientista da religião podem, ao analisar os mitos, buscar neles os substratos históricos e socioculturais que lhes deram origem.

Além de sua dimensão histórica, o mito também possui uma funcionalidade política, sendo frequentemente utilizado como instrumento para exaltar ou deslegitimar determinados grupos, personagens ou instituições. É justamente essa abordagem que adotamos no presente trabalho. Em um primeiro momento, investigaremos os possíveis elementos históricos que embasaram o surgimento do mito de Semíramis; em seguida, examinaremos como esse mito foi apropriado e ressignificado no contexto do Império Romano, especialmente com objetivos políticos e ideológicos.

No presente artigo, abordaremos especificamente o mito de Semíramis, o qual se encaixa nas características anteriormente descritas. Sua narrativa incorpora elementos sobrenaturais — como sua suposta filiação a uma deusa, segundo o historiador helenístico Diodoro da Sicília — e fantásticos, como a atribuição da fundação e edificação da cidade da Babilônia a essa personagem. Importa destacar que, embora o mito tenha sido citado por diversos autores helênicos e latinos, a versão latina mais desenvolvida e que chegou até nós encontra-se na *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi* (*Epítome das*

*Histórias Filípicas de Pompeio Trogô*³), escrito por Marco Juniano Justino entre os séculos II e III.

De acordo com a narrativa mítica, Semíramis teria se casado com o imperador assírio Nino e, com ele, tido um filho chamado Nínias. Depois da morte de Nino, ela assumiu o trono assírio disfarçando-se de seu filho para buscar legitimidade no governo. Depois de grandes feitos e conquistas territoriais, ela tentou se relacionar sexualmente com o próprio Nínias, o que levou à morte de Semíramis, após 42 anos de governo. Como veremos, a forma como Justino apresentou Semíramis, em muitos momentos, pode ser entendida como negativa e deprecatória.

Contudo, mais do que fazermos apenas uma descrição e análise do mito, tentaremos inseri-lo na História, visto que muitos contos míticos podem ter raízes históricas em sua composição e recepção. Para isso, iniciaremos nosso trabalho versando sobre a rainha Samuramate da Assíria, que, como veremos, foi uma mulher de grande força e notoriedade no império assírio, tendo atuado como regente de seu filho Adad-nirari III, acompanhando-o até mesmo em campanhas militares, algo inédito para mulheres assírias antes e depois dela. A historiografia trabalha com a hipótese de que ela foi a base histórica para a formação do mito de Semíramis, porque a memória de seus feitos sobreviveu e, como veremos, existem alguns paralelos que podemos traçar entre as informações trazidas pelas documentações históricas sobre Samuramate e o mito de Semíramis.

Além disso, lançaremos hipóteses sobre os motivos que levaram Justino a caracterizar, em alguns momentos, Semíramis de forma negativa dentro da perspectiva da época, como a referência ao fato de ela ter se disfarçado de homem e de ter realizado incesto com seu filho. Nossa hipótese é que tais caracterizações devem ser entendidas dentro de um contexto macro de caracterização negativa do Oriente por parte dos gregos e romanos.

Assim, em nosso artigo, não só analisaremos o mito, mas também buscaremos, a partir dele e para além dele, compreender todo o enredo histórico que o gerou, e como ele foi inserido na antiguidade. Debateremos também questões relativas à recepção do mito na sociedade romana.

³ A versão da obra de Justino acessada em nossa pesquisa é uma tradução para o inglês, realizada por John Selby Watson em 1853, do livro latino original *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogii*.

1. A história da rainha Samuramate da Assíria

Antes de nos debruçarmos mais profundamente sobre o mito de Semíramis, é necessário analisar a figura histórica que serviu de base para a formação desse mito: Samuramate, rainha assíria. A análise do poder e influência que ela exerceu não apenas demonstra a possibilidade de agência feminina no poder assírio, mas também evidencia como sua memória permaneceu viva mesmo após sua morte, possibilitando a formação do mito de Semíramis, que analisamos neste artigo.

Durante o império Neo-Assírio, o monarca era considerado vice-regente de Assur, a divindade imperial dos assírios (Svärd, 2016). Apesar do rei ser apresentado como a fonte suprema do poder imperial, a rainha assíria também desempenhava um papel importante na corte assíria: “Em particular, a rainha era muito mais do que apenas a esposa do rei. Suas ações e representações eram semelhantes às do rei, qualitativamente falando” (Svärd, 2016, p. 127). Na documentação neo-assíria, as rainhas eram denominadas como “a mulher do palácio — em sumério mí.e.gal, ou ainda, em acadiano, sēgallu” (Fattori, 2021, p. 269)⁴. Então, é correto dizer que as rainhas assírias tinham certa possibilidade de iniciativa na corte imperial.

Uma das rainhas neo-assírias mais conhecidas pela historiografia é Samuramate, consorte de Shamshi-Adad V (823–811 a.C.). Não sabemos nada sobre suas origens, pois a documentação disponível não fornece indícios sobre seu reino de nascimento. Uma das primeiras referências a Samuramate está em uma inscrição votiva dedicada à deusa Ishtar. Nessa inscrição, Samuramate é diretamente associada a Shamshi-Adad V, o soberano assírio: “para Ishtar, sua senhora, Samuramate, a mulher do palácio, rainha de Shamshi-Adad, rei da Assíria, dá [esta dedicatória] pela sua saúde” (Fattori, 2021, p.272).

Outra documentação que atesta a importância de Samuramate na corte assíria é a estela de Assur, erguida por ordem da própria Samuramate. Nessa estela, observa-se um esforço de Samuramate em associar sua imagem a três gerações de governantes assírios: Shalmaneser, seu sogro; Shamshi-Adad V, seu esposo; e Adad-nirari III, seu filho, mostrando assim que Samuramate estava intimamente conectada com a dinastia reinante

⁴ Havia um outro termo para denominar as rainhas durante o período neo-assírio: *šarratu*, que é o feminino de *šarru*, rei. Porém, esse termo era usado para as divindades femininas ou rainhas estrangeiras (Melville, 2004).

no império naquele momento:

Nesse documento ela aparece posicionada em uma ampla relação de pertencimento à realeza, conectada por meio de laços de parentesco a três gerações de reis: “Monumento de Sammu-ramat, a mulher do palácio [de Sham]shi-Adad, rei do universo, rei da Assíria, mãe de Adad-nirari, rei do universo, rei da Assíria, nora de Shalmaneser, rei dos quatro cantos” (Fattori, 2021, p.270).

Após a morte de Shamshi-Adad V, Adad-nirari III (810–783 a.C.), seu herdeiro, subiu ao trono assírio. No entanto, os primeiros anos de reinado de Adad-nirari III foram marcados por dificuldades políticas, especialmente pelo fato de ele ainda ser muito jovem (Fattori, 2021). Diante desse cenário, a historiografia discute a possibilidade de Samuramate ter atuado como regente de Adad-nirari III: “Acredita-se que ele era menor de idade no momento da adesão, e a rainha-mãe Samuramate [...] supostamente foi influente na corte” (Karlsson, 2016, p. 3). Embora não disponhamos de fontes que atribuam diretamente a Samuramate o título de regente, alguns historiadores tendem a vê-la como tal, à medida que sua presença ativa na corte de Adad-nirari III, especialmente em um momento de instabilidade política, garantia “a estabilidade do Império e, acima de tudo, a continuidade da dinastia na figura de seu filho” (Fattori, 2021, p. 273). Desse modo, a ação de Samuramate na corte de Adad-nirari III representou a manutenção da continuidade dinástica, sendo razoável supor que ela atuou como regente de seu filho. De acordo com a historiografia, a regência de Samuramate teria durado cinco anos (Marsman, 2005, p. 347). O fato de ela não se denominar “rainha da Assíria”, sendo chamada na documentação como “esposa de Shamshi-Adad” e “mãe de Adad-nirari”, reafirma sua atuação regencial.

Assim, percebemos que Samuramate não perdeu sua importância na corte após a morte de seu marido. Pelo contrário, essa importância foi ainda mais enfatizada, especialmente devido à sua atuação como “mãe do rei” (Fattori, 2021, p. 270). Dessa forma, Samuramate ocupou dois títulos de grande importância no Império Assírio: rainha consorte de Shamshi-Adad V e mãe de Adad-nirari III. Ambos os títulos representam o mais elevado status que uma mulher poderia alcançar no Império Assírio, e o fato de Samuramate ter ocupado ambos demonstra sua força e influência na corte assíria⁵.

⁵ A documentação histórica disponível sobre o Império Neo-Assírio apresenta uma outra rainha que também ocupou os cargos de rainha consorte e mãe de monarca, seu nome era Naqī'a. Ela foi esposa de Senaqueribe (704–681 a.C.) e mãe de Asarhaddon (681–669 a.C.). Naqī'a era muito influente, a tal ponto de ela ter conseguido influenciar Senaqueribe a promover seu filho Asarhaddon: “Alguns autores defendem a ideia

A importância interna de Samuramate durante o reinado de Adad-nirari III também pode ser observada nas estátuas de Nabû e na estela de Pazarcık. Em ambos os documentos, Samuramate é apresentada como tendo atuado ativamente juntamente com seu filho. Na primeira documentação, Samuramate e seu filho Adad-nirari III receberam de um governador assírio duas imagens do deus Nabû em homenagem a eles. Essas estátuas continham as seguintes inscrições: “[...] pela vida de Adad-nirari III, rei da Assíria, seu senhor, e (pela) vida de Samuramate, a mulher do palácio, sua senhora [...]” (Estátuas de Nabû *apud* Fattori, 2021, p. 270). Por meio das inscrições presentes nas estátuas de Nabû, percebemos a influência de Samuramate, na medida em que ela também foi homenageada ao lado de seu filho, o monarca.

Na estela de Pazarcık, vemos novamente Samuramate apresentada de forma correlacionada com Shalmaneser, Shamshi-Adad e Adad-nirari III. Além disso, a referida estela declara, de modo singular em toda a história antiga assíria, a participação de uma mulher, Samuramate, em uma campanha militar ao lado de seu filho Adad-nirari III:

Pedra de fronteira de Adad-nirari, rei da Assíria, filho de Shamshi-Adad, rei da Assíria, [e de] Sammu-ramat, a mulher do palácio de Shamshi-Adad, rei da Assíria, mãe de Adad-nirari, rei forte, rei da Assíria, nora de Shalmaneser, rei dos quatro cantos. Quando Ushpilulume, rei dos Kummuhitas, fez com que Adad-nirari, rei da Assíria, e Sammu-ramat, a mulher do palácio, cruzassem o Eufrates. [...] (Estela de Pazarcık *apud* Fattori, 2021, p. 271).

De acordo com a documentação, mãe e filho cruzaram juntos o Eufrates. Assim, temos relatada a participação de Samuramate em uma campanha militar ao lado de seu filho, sendo retratada quase que em pé de igualdade com o monarca (Karlsson, 2016). Essa informação, somada à análise empreendida nesta seção, apenas reafirma o papel de destaque ocupado por Samuramate na corte assíria, sobretudo no reinado de Adad-nirari III. A menção de Samuramate nos documentos oficiais assírios testifica “o seu amplo reconhecimento pela administração central, ocupando uma posição de poder e influência no centro do Império” (Fattori, 2021, p. 272).

Levando em consideração os debates baseados na documentação e na

de que Naqi'a possuía grande influência nas decisões de seu esposo, o rei Senaqueribe, e que teria sido responsável pela promoção de seu filho como sucessor do rei que fora morto por seu irmão, Aššur-nadin-šumi” (Pozzer, 2021, p. 286). Nos casos de Samuramate e Naqi'a podemos perceber a forte influência feminina na corte de alguns reis, o que demonstra a possibilidade de iniciativa feminina no poder régio.

historiografia, vemos o poder e a influência de Samuramate na corte assíria, especialmente durante o reinado de Adad-nirari III. Embora os reis fossem considerados a origem do poder político assírio, algumas rainhas, como Samuramate, conseguiram atuar ativamente na política por meio de seu contato com homens de poder, fazendo dela uma rainha proeminente na história antiga da Assíria. Assim, é correto dizer que Samuramate foi uma figura política importante na corte de Adad-nirari III, como é respaldado pela documentação disponível.

Dada sua importância política na história assíria, Sammuramate pode ter sido a principal base histórica para o mito de Semíramis (Rawlinson, 1848). É razoável supor que a memória de Sammuramate e de seus feitos tenha permanecido viva após sua morte e servido como fundamento para a formação do mito de Semíramis, como veremos a seguir.

2. O mito da rainha Semíramis da Assíria

Como sugere o título desta seção do artigo, Semíramis foi uma rainha lendária da Assíria. Como todo mito, existem inúmeras versões que variam conforme as circunstâncias históricas e culturais de uma sociedade dada, e isso não é diferente com o mito de Semíramis. Nesse sentido, apesar de existirem narrativas anteriores e posteriores, a mais detalhada delas foi registrada pelo historiador helenístico Diodoro da Sicília em sua obra "Biblioteca Histórica"⁶. No entanto, neste artigo, focaremos na *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi* (Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Togo), escrita por Marco Juniano Justino, possivelmente entre os séculos II e III d.C. (Castro Sánchez, 2003, p. 9), pois representa a primeira fonte latina sobrevivente que aborda a vida de Semíramis com extensão considerável. É importante observar que,

⁶ Na primeira metade do Livro 2 da Biblioteca Histórica, Diodoro da Sicília narra a história da Mesopotâmia e, em determinado momento, relata a vida e os feitos de Semíramis. De forma resumida, Semíramis, que tinha descendência divina como filha da deusa Atargatis, foi abandonada ainda criança e alimentada por pombas até ser encontrada por um pastor real. Ela se casou com Ones, general do rei da Assíria, Nino, e tornou-se sua conselheira, conduzindo-o a muitas vitórias, incluindo a participação pessoal no Cerco de Bactra. O rei apaixonou-se por ela e, temendo perdê-la, Ones comete suicídio. Casados, Nino e Semíramis tiveram um filho, Nírias, mas o rei morreu logo após durante a conquista da Bactria. Semíramis então disfarça-se de homem, mais especificamente de seu filho, e assume o controle do império. Ela governou por quarenta e dois anos, realizando grandes feitos, como fundar e murar a cidade da Babilônia, realizar numerosos projetos arquitetônicos, expandir os territórios da Assíria e travar guerras contra o Egito, a Etiópia e a Índia. Posteriormente, Nírias conspirou contra ela e usurpou o trono, e Semíramis ou morreu ou se transformou em uma pomba (Diodoro da Sicília. Livro 2.1-28. In: Biblioteca Histórica. Traduzido por Prof. Oldfather. 1933-54).

embora Plutarco⁷, Valério Máximo⁸ e Luciano de Samósata⁹, autores romanos anteriores a Justino, tenham tocado no tema, suas menções foram mais breves e com objetivos diferentes.

Dito isso, quanto a Marco Juniano Justino, pouco se sabe sobre sua vida além do que ele mesmo relata no prefácio de sua obra. Segundo ele, passou um período de lazer na Idade de Roma em algum momento de sua vida e durante esse tempo escreveu o texto em questão. Seu trabalho foi preservado ao longo da Idade Média e chegou até nós no presente, embora tenha sido inicialmente confundido com Justino, o Mártir (Mineo, Zecchini, 2016). Isso pode ser considerado uma curiosidade interessante, mas também sugere um maior interesse, por parte dos leitores romanos do período, no conteúdo do documento do que no próprio Pompeio Togo original, como veremos posteriormente na seção a seguir, quando trabalharmos com a Teoria da Recepção.

Dessa forma, o título "Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Togo" pode ser considerado enganoso, pois ao ler a obra de 44 livros, percebe-se que não se trata apenas de um resumo das histórias de Filipe II da Macedônia – como em "Filípicas" no título –, mas sim uma antologia de relatos sobre grandes reis e rainhas do passado. Nesse sentido, essa obra historiográfica¹⁰ pode ser caracterizada como pertencente ao gênero da

⁷ "Plutarco, outro autor clássico que viveu no século I EC, a mencionou em dois textos. No Diálogo Sobre o Amor, destaca a sua beleza e inteligência ao narrar que ela foi escrava e concubina de um servo do palácio do rei Nino da Assíria, e que quando ele reparou em sua beleza, se apaixonou e se dobrou a ela de tal forma que, ao lhe pedir o trono por um dia, ele satisfez seu pedido. Em tal ocasião, ela deu ordens moderadas para testar a reação dos guardas e, ao confirmar que lhe obedeciam, tomou o poder e ordenou que aprisionassem e matassem Nino. A partir daí ela teve um reinado longínquo e brilhante (Diálogo sobre o Amor, IX. 75E). Já na Moralia, Plutarco argumentou que ela teria deixado duas inscrições em sua tumba, a primeira, do lado de fora, a convidar o rei que precisasse de dinheiro para abrir sua tumba. Já na segunda inscrição, dentro de sua tumba, dizia que sepulcro não contém tesouro algum e repreendia o rei ganancioso que perturbar o local de descanso dos mortos (Moralia, 173C)." (Silva; Cavicchioli. 2021. p. 281)

⁸ "Embora a força do ódio fosse forte no seio daquele menino, prevalecia igualmente no seio da mulher. Pois Semíramis, rainha dos assírios, quando lhe foi relatado, enquanto penteava os cabelos, que a Babilônia havia se revoltado, com uma parte dos cabelos ainda solta e desgrenhada, correu para a sua recuperação; nem ela arrumaria o cabelo até colocar a cidade em ordem. E, portanto, sua estátua é colocada na Babilônia, na mesma atitude de quando ela correu para se vingar." (Maximus, 1678, p. 445, tradução nossa).

⁹ "Luciano de Samósata, na obra A Deusa Síria, escrita no século II EC, ao narrar sobre a fundação de um templo, relatou que existiam estátuas de Semíramis, e destacou, em especial, a que apontava para uma estátua de Hera (A Deusa Síria, 39). Segundo este autor, Semíramis ordenou aos habitantes da Síria que a cultuassem como uma deusa e que ignorassem as demais divindades. Por essa razão ela foi castigada com dores e doenças e, após abandonar seu erro, colocou teria posto sua estátua no templo apontando para a estátua de Hera, de modo a indicar a verdadeira deusa (A Deusa Síria, 39). O autor ainda aponta que ela construiu diversas obras por toda a Ásia (A Deusa Síria, 14)." (Silva; Cavicchioli, 202, p. 280-81).

¹⁰ Por mais que a expressão "historiografia" seja utilizada neste artigo, os historiadores da Antiguidade não escreviam historiografia no sentido científico do termo, mas correspondia e corresponde a um gênero literário, todavia se distanciava de gêneros literários "ficionais", como romances e poemas, por se tratar da narração de fatos, confirmados por testemunhas e fontes (Martins, 2009, p. 143-145).

história universal, que narra a história desde os tempos antigos até o presente. No caso específico de Pompeio Trogó (séc. I a.C.) e, consequentemente, de Marco Juniano Justino, ela abrange desde os tempos da Assíria até a era de Augusto, com um foco significativo no papel da Grécia, especialmente de Filipe e Alexandre da Macedônia (Levene, 2007, p. 287-89).

Além do gênero da obra, é possível observar a presença do caráter retórico de diversas maneiras no texto, através de figuras de linguagem, exotismos e tropos literários. Segundo John Yardley (2003), é amplamente aceito que Justino tenha sido um professor ou especialista em retórica. Essa informação é importante, pois Pompeio Trogó critica a retórica encontrada em Salústio e Tito Lívio. Nesse sentido, podemos distinguir no texto as contribuições de Pompeio Trogó e de Marco Juniano Justino não apenas pela presença da retórica, mas também pelas diferenças linguísticas. Conforme observado por Yardley, o primeiro escreveu em latim clássico dos tempos de Augusto, enquanto o segundo utilizou uma forma mais próxima do latim tardio dos séculos II e III d.C.

Muito dessa retórica e das expressões do latim tardio são evidentes no Livro 1 de "Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogó", onde é abordada a história dos reis e rainhas da Assíria, um dos primeiros reinos a almejar a conquista territorial, digna de menção na obra - possivelmente uma reflexão da cultura expansionista romana. Nessa narrativa, é relatado que Nino, soberano da Assíria, foi o primeiro a enfrentar seus vizinhos e subjugá-los, expandindo seu domínio desde o Egito até a Báctria, submetendo "os povos de todo Oriente" (Novak, 1999, p. 241).

Ao confrontar Zoroastro, rei da Báctria e mestre das artes mágicas, Nino foi assassinado, deixando seu vasto império consolidado para sua esposa e jovem filho, Semíramis e Nírias. Semíramis, ao invés de passar o trono para seu filho adolescente ou para si mesma como mulher, optou por se disfarçar de homem, especificamente de seu filho:

Semíramis, não ousando confiar o governo a um jovem, nem abertamente assumir para si mesma (já que tantas grandes nações dificilmente se submeteriam a um homem, quanto menos a uma mulher), fingiu que era o filho de Nino em vez de sua esposa, um homem em vez de uma mulher. A estatura tanto da mãe quanto do filho era baixa, a voz igualmente fraca, e o tipo de feições semelhantes. Ela, portanto, vestiu seus braços e pernas com longas vestes e adornou sua cabeça com um turbante; e, para que não parecesse estar escondendo algo com essa nova vestimenta, ela ordenou que seus súditos também usassem a mesma roupa; uma moda que toda a nação tem mantido

desde então. Assim, disfarçou seu sexo no início de seu governo (Justino, 1853, p.4, tradução nossa).

Assim, ela reinou e, nos primeiros anos, realizou grandes feitos, revelando sua verdadeira identidade após superar as hostilidades. Contrariando as expectativas, Semíramis foi ainda mais admirada, pois seu valor transcendeu não apenas o das mulheres, mas também o dos homens. Entre seus feitos - não claramente datados antes ou depois de sua confissão - incluem a fundação e o fortalecimento da cidade de Babilônia, além da expansão dos domínios da Assíria, que incluíram a Etiópia e a Índia, este último feito compartilhado apenas com Alexandre da Macedônia:

Foi ela quem construiu Babilônia e construiu ao redor da cidade uma muralha de tijolos queimados; betume, uma substância que em toda parte escorre do solo naquelas regiões, foi espalhado entre os tijolos em vez de argamassa. Muitos outros feitos famosos também foram realizados por essa rainha; pois, não contente em preservar os territórios adquiridos por seu marido, ela acrescentou também a Etiópia ao seu império; e ela até fez guerra contra a Índia, na qual nenhum príncipe, exceto ela e Alexandre, o Grande, jamais penetrou (Justino, 1853, p.5, tradução nossa)¹¹.

Após um reinado de quarenta e dois anos, Semíramis acabou buscando o amor de seu próprio filho, que, eventualmente, a assassinou. Em sequência, é dito que Nínias preferia a companhia de mulheres e renunciou a governança, delegando-a para intermediários. Os assírios manteriam seu império por mil e trezentos anos, até seu último rei, Sardanapalo, “um homem mais efeminado que uma mulher” (Justino, 1853, p.5, tradução nossa), sofrer uma revolta de um de seus sátrapas, Arbaces da Média, transferindo o império da Assíria à Média. Em seguida, Justino discorre acerca da história da Média, Pérsia Aquemênida, dos povos cítas, das cidades-estados gregas, da Macedônia, dos reinos helenísticos, Cartago, Roma e Pérsia Parta. Todavia, como mencionado previamente, dá maior destaque aos “grandes homens”¹² dos povos gregos, macedônico e romano.

Após ler o texto de Justino, é possível observar que a representação de Semíramis,

¹¹ De certa forma, Justino reconheceu a grandeza de Semíramis, sobretudo no que tange a conquista territorial, algo que era bem-visto pelos romanos, visto que tal como os antigos assírios, eles também tinham uma cultura expansionista.

¹² Nesse trecho, a expressão “grande homem” decorre do campo historiográfico denominado “Teoria do Grande Homem”, popularizado no século XIX pelo historiador inglês Thomas Carlyle que afirmou que “A história do mundo é apenas a biografia dos grandes homens” (Carlyle, Thomas. *O Herói como Divindade*. In: *Heróis e Adoração ao Herói*. 1840.)

nessa versão do mito, é, no mínimo, controversa, uma vez que, concomitantemente, ela fez atos grandiosos como fundar a Babilônia e expandir o império assírio, fez atos questionáveis como disfarçar-se de homem e ter relações sexuais com o próprio filho.

Dentro dessa linha de pensamento, há pontos em que o mito se aproxima da história e pontos em que se distancia. É possível indicar que Semíramis e Samuramate ambas tiveram grande influência política durante o reinado de seus esposos e filhos, foram rainhas da Assíria e guerrearam com seus vizinhos. Ambas também atuaram como regentes de seus filhos jovens e realizaram obras arquitetônicas em seus territórios, contribuindo para a estabilidade do império após conflitos.

No entanto, é importante notar que há diferenças significativas. Por exemplo, Semíramis é associada ao mito de ter se disfarçado de homem e ao controverso envolvimento sexual com seu filho, elementos ausentes na documentação histórica sobre Samuramate. Essas narrativas mitológicas podem ter sido criadas para enfatizar qualidades heróicas ou trágicas de Semíramis, enquanto Samuramate é conhecida principalmente por suas realizações políticas e administrativas sem o acréscimo de elementos literários controversos.

Algo que é necessário esclarecer nessa seção, é sobre as guerras realizadas por Semíramis a Etiópia e a Índia. Isso é dito na Biblioteca História de Diodoro da Sicília (Diodoro, 1933-54) e é repetido aqui por Marco Justino, no entanto, trata-se de uma informação histórica incorreta, visto que o único rei do oriente que fez guerras contra Etiópia e Índia foi Dário I da Pérsia. Os feitos de Dário estavam descritos na Inscrição de Beistum que Diodoro e, por consequência, Justino, incorretamente, associaram a Semíramis (Visscher, 2020, p. 73).

A partir disso, é possível entender onde mito e História convergem e divergem, mais especificamente, essa versão do mito de Semíramis, escrita por Marco Juniano Justino entre o final do século II d.C. e o início do século III d.C. É necessário ter em mente que há outras versões do mito e menções a essa rainha guerreira, como é possível observar em Heródoto, Polieno, Diodoro da Sicília, Estrabão, Plutarco, Luciano de Samósata, Valério Máximo, Eusébio de Cesareia, Amiano Marcelino, na História Augusta, em Paulo Orósio e outros da Antiguidade (Dross-Krüpe, 2020, p. 588-96).

3. Entre mito e história

Nas seções anteriores deste artigo, discutiu-se brevemente a existência e a possibilidade do poder régio feminino no Oriente Próximo Antigo, exemplificado na vida e nos feitos de Samuramate, rainha da Assíria. Além disso, explorou-se a lenda da Rainha Semíramis da Assíria, conforme descrita por Marco Juniano Justino, o principal legado de Samuramate. Nesta última seção, no entanto, examinaremos o motivo por trás do mito. Em outras palavras, investigaremos as hipóteses sobre os possíveis motivos históricos que levaram Justino a escrever sobre Semíramis dessa maneira.

Entre os séculos II e III d.C., período provável de autoria da obra "Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Togo", o mito de Semíramis já estava firmemente estabelecido. Embora não tenha sobrevivido nenhum texto cuneiforme sobre a lenda de Semíramis, acredita-se que sua origem remonte a uma lenda mesopotâmica assíria, que posteriormente encontrou seu caminho na literatura persa e, posteriormente, na literatura greco-romana (Gera, 1997, p. 65). Neste último contexto, Justino tinha à sua disposição a literatura historiográfica greco-latina, como evidenciado pelo conteúdo, estilo de escrita e temática de seu texto.

As semelhanças entre o conteúdo do texto de Justino são particularmente perceptíveis nos escritos dos seguintes autores: Cneu Pompeio Togo (século I a.C.), cuja obra "Histórias Filípicas e a Origem de Todo o Mundo e os Lugares da Terra" é sintetizada por Justino, embora a obra completa não tenha sobrevivido até os dias atuais; Diodoro da Sicília (90 - 30 a.C.), cujo trabalho em "Biblioteca Histórica" apresenta uma narrativa que Justino, de maneira sintética, parece ter incorporado em seu próprio relato, apesar de não incluir trechos mais fantásticos, como a descendência divina de Semíramis; e Ctésias de Cnido (século V a.C.) que viveu na corte persa como médico de Artaxerxes II dos Aquemênidas, mencionado diversas vezes no livro 2 de "Biblioteca Histórica", que trata da história da Mesopotâmia, apesar de seus trabalhos originais "Pérsica" e "Índica" não terem sobrevivido até nós. Naturalmente, há outros autores greco-romanos anteriores a Justino que mencionaram Semíramis, como Heródoto, Polieno, Estrabão, Plutarco, Luciano de Samósata e Valério Máximo, mas em termos de conteúdo, os mencionados anteriormente são os mais semelhantes.

Agora, em termos de estilo, a escrita do texto de Justino se aproxima mais de Salústio e Tito Lívio, notórios pela utilização da retórica (Yardley, 2003), que pode ser

vista na utilização de figuras de linguagem, exotismos e tropos literários. Algo que entra em choque com a escrita de Togo, menos rebuscada e descriptiva, tal qual a de Tácito (Bartlett, 2014, p. 260). Outro ponto de discrepança entre Togo e Justino é a linguagem – latim clássico augustano no primeiro e latim tardio no segundo, dado o período de escrita. Dentro dessa linha de pensamento, a palavra latina *Orientem* (“Oriente”), enquanto território do leste, não existe no latim augustano – *oriēns*, seu cognato, existia, porém, enquanto “aurora” ou “alvorada” –, somente, no latim tardio que o lugar que o Sol nasce será também o território do leste¹³. Portanto, nos trechos do texto que possuem *Orientem* e seus semelhantes – *orientalibus*, *orientalis* e *orientis* que, respectivamente, significam “no Leste”, “oriental”, “do leste” – foram escrito em latim tardio e, por consequência, pelo próprio Marco Juniano Justino (Levene, 2007, p. 287-89).

Com essas informações em mente, na oitava frase do primeiro parágrafo dos quarenta e quatro livros de “Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Togo” em que se detalha a vida de Nino, primeiro rei da Assíria e esposo de Semíramis, é dito: “Tendo subjugado, portanto, os vizinhos, ao se fortalecer com o acréscimo de forças, ele avançava contra outros, e cada vitória próxima era um instrumento para a seguinte, subjugou todos os povos do Oriente” (Justino, 1853, p.4, tradução nossa). Com a presença da palavra “Orientis”¹⁴, é possível inferir que essa frase foi escrita em latim tardio e, portanto, por Justino.

Não obstante, é possível argumentar que apenas a evidência linguística não é suficientemente convincente por dois motivos: Pompeio Togo, embora seja do período augustano, é mais tardio que outros como Tito Lívio, o que significa que algumas palavras “pós-clássicas” podem já ter surgido, especialmente considerando que poucas fontes primárias historiográficas latinas augustanas e anteriores sobreviveram; além disso, Justino pode ter inadvertidamente contribuído com seus próprios sinônimos para uma passagem sem alterar substancialmente o pensamento de Togo (Bartlett, 2014, p. 265-66).

¹³ A popularização da territorialidade do termo latino “Oriens” ocorreu durante o reinado do imperador Diocleciano (284-305 d.C.), quando as provincias imperiais foram reorganizadas e a Diocese do Oriente (“Dioecesis Orientis” em latim) foi estabelecida em 314 d.C. Apesar do termo “territorializado” já existir antes da reestruturação geopolítica imperial de Diocleciano. (Kazhdan, Alexander. Oxford Dictionary of Byzantium. Oxford University Press. p. 1533-1534. ed. 1991.)

¹⁴ A documentação latina, traz integralmente o termo “orientis”: *Domitis igitur proximis, cum accessione virium fortior ad alios transiret et proxima quaeque victoria instrumentum sequentis esset, totius Orientis populos subegit.*

Mesmo que esse seja o caso, o latim tardio é um indicador forte de uma possível inserção pelo epitomador. Além disso, existem outros marcadores, como o uso da retórica na escrita de Justino, o que fortalece o argumento de que ele é o principal responsável por essa passagem e simplesmente utilizou Togo como fonte. E, novamente, como mencionado, há marcadores da presença de retórica no texto, por meio de exotismos e tropos literários. Abaixo, está presente duas das últimas frases do parágrafo segundo:

Finalmente, como procurasse o concubinato com o filho, foi morta por ele, após ter reinado por quarenta e dois anos desde Nino. Nírias, o filho, contente com o império conseguido pelos pais, renunciou ao gosto pela guerra e, como se tivesse trocado de sexo com sua mãe, raramente visto pelos homens, envelheceu no burburinho das mulheres (Justino, 1853, p.5, tradução nossa).

Nesse trecho, duas frases detalham respectivamente os destinos de Semíramis e Nírias. Na primeira, é mencionado que o incesto levou ao matricídio, enquanto na segunda, o rei é descrito com costumes geralmente associados às mulheres, como já mencionado anteriormente. De forma analítica, percebe-se que essas características se alinham com a retórica expressada anteriormente por Justino. É notável que na "Biblioteca Histórica" de Diodoro da Sicília, que precede o texto em questão, não há relato de incesto na vida da rainha assíria, sugerindo que isso pode ter sido uma invenção de Justino, especialmente considerando que Pompeio Togo não era conhecido por empregar retórica dessa forma.

Além disso, o incesto é um *tópos* comum na mitologia e literatura gregas, como exemplificado em "Édipo Rei", onde a transgressão sexual entre mãe e filho frequentemente resulta em tragédia, um marcador literário derivado da retórica. No caso de Semíramis, a perpetração do crime de incesto resultou na sua punição com matricídio, outro elemento trágico destacado pela retórica.

Quanto à segunda frase, a descrição de Nírias como alguém que trocou de sexo com a mãe e viveu em um ambiente predominantemente feminino indica que o rei da Assíria não era masculino, sendo retratado como afeminado. Essa caracterização é comum na visão romana dos homens orientais, conforme discutido por Holland (2005). Tanto o incesto quanto a efeminilidade eram comportamentos mal-vistos na sociedade romana, como apontam Colquhoun (1849) acerca do primeiro e Edwards (1993) do segundo.

Deve-se ressaltar também que outro estereótipo dos orientais é empregado pelo

historiador, a prática de magia e o estudo de astronomia (Bremmer, 1999, p.1-12), bem como a ideia de que Zoroastro – o profeta iraniano, cujos ensinamentos serviram como base da religião do Zoroastrismo – é responsável pela invenção da magia (Beck, 2003), como é dito no trecho: “Sua última guerra [Nino] foi com Zoroastro, rei dos bactrianos, que se dizia ter sido o primeiro a inventar as artes mágicas e a ter investigado, com grande atenção, a origem do mundo e os movimentos das estrelas” (Justino, 1853, p.3, tradução nossa).

Ambas as ideias recorrem de uma interpretação errônea das fontes greco-romanas da religião iraniana, isto é, os *magus* – sacerdotes zoroastristas, no plural, e *magi* no singular¹⁵ – foram associados a magia devido seus ritos e rituais ímpios (Bremmer, Veenstra, 2002, p.2). Já quanto a Zoroastro por ser o profeta, o “primeiro magi”, foi associado a invenção da magia, sendo Plínio, o Velho, (23 – 79 d.C.), em sua “História Natural” (1855), o primeiro a realizar tal associação.

Em resumo, a presença da palavra “Orientis” demarca a escrita de Justino nessa parte do texto acerca da história da Assíria, famoso por ser professor de retórica. Também nesse trecho, é possível observar que o autor se utilizou da retórica, através de dois tropos literários comuns – incesto e tragédia – e de dois estereótipos pré-existentes associados a homens orientais – efeminação e magia.

Dentro dessa perspectiva, a representação do Oriente e, por consequência de Semíramis, pode ser considerada negativa nesse texto de Justino. Apesar da rainha guerreira ter feito grandiosos feitos – grandiosos ao ponto de serem comparados a Alexandre da Macedônia –, eles são sombreados por um crime sexual e pela criação de um filho, posteriormente, rei, que era efeminado e “renunciou ao gosto pela guerra”.

Uma tendência na literatura historiográfica greco-romana que existia desde sua concepção nas “Histórias” de Heródoto que afirma em sua primeira frase:

Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassesem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos Bárbaros, permanecessem ignoradas (Heródoto, 2019, p.20).

Nesse pequeno trecho é possível ver a dicotomia entre gregos e bárbaros – sendo

¹⁵ O termo *maguš* é a versão transliterada do cuneiforme do Persa Antigo que originou *mágos* em Grego Ático (Tolman, 1908, p. 115-116), depois *magus* em latim e, por fim, *mago* ou *mágico* em português.

bárbaros os persas, pois Heródoto narra a história das Guerras Greco-Persas –, entre “nós” e “eles”. Nesse ponto de vista, Hartog argumenta que o trabalho de Heródoto, embora considerado uma etnografia, não está realmente descrevendo outras culturas, mas descrevendo a condição de grego no inverso. Ele argumenta que a representação destas outras culturas retrata exatamente o que os gregos não querem ser. Para ele, Heródoto nos fala mais sobre a autodefinição grega do que sobre as culturas que descreve, pois apresenta seus costumes através de uma retórica da alteridade (Hartog, 1988). É possível entender que algo similar esteja ocorrendo com Justino e sua representação de Semíramis e do povo assírio, especialmente ao considerarmos que “eles”, os orientais, possuem mulheres fortes e homens afeminados, não “nós”, romanos.

Apesar de, em seu livro “O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do Outro”, Hartog, trabalhar com a representação herodotiana dos cítas, não dos assírios, é possível aplicar seu método a este estudo de caso:

O *logos* constrói uma imagem do nômade que torna concebível sua “alteridade”: passamos de uma alteridade avassaladora que, para o destinatário, é bastante opaca, como a encontrada no capítulo 2 do Livro 4 (“eles cegam seus prisioneiros porque são nômades”), para uma alteridade que faz sentido (“o nomadismo é, em primeira instância, uma estratégia”); de uma inteligibilidade “falsa” que só tem o efeito de duplicar a estranheza, para uma inteligibilidade que é verdadeira, que faz sentido para um grego da década de 430 a.C. (Hartog, 1988, p. 209, tradução nossa).

Algo similar ocorre com a imagem de Semíramis em Justino, embora esteja invertida a dos cítas em Heródoto, pois nela, passamos de uma alteridade que faz sentido – Semíramis vive num mundo de relações desiguais de gênero e para manter ordem no império, após a morte do esposo e prematuridade do filho, precisou vestir-se de homem – para uma alteridade avassaladora – Semíramis buscou incesto com seu filho Nínias, que se tornou um rei efeminado.

Todavia, Hartog não expande acerca do pensamento de Heródoto, do motivo de um grego da década de 430 a.C. pensar como pensa, apenas, discorre do método de alteridade do outro que, entre outros, envolve a retórica. E é justamente isso que faremos a seguir, entender o porquê de Justino pensar como pensa. Para isso, recorreremos, primeiramente, à Teoria da Recepção de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss que lida com a recepção do público, o nível de entendimento, em face de um texto.

Para uma audiência latina letrada dos séculos II e III d.C., uma narrativa permeada

por exotismos, como mulheres masculinizadas e homens afeminados e praticantes de magia, e por tropos literários clássicos, como mortes trágicas e incesto, poderia ser muito interessante, ainda mais sendo escrita de forma prazerosa à leitura – como o próprio Justino nos informa no prefácio sobre seu modo de escrita¹⁶ –, preenchida por figuras de linguagem, como paralelismos, quiasmas, hipérboles e outras. Algo que nos prova o sucesso dessa obra entre seus leitores do período, é o fato que a obra original, feita por Pompeio Trogó, não ter chegado até nós, no presente, apenas, essa, constituída por uma retórica de alto nível, formulada para entreter ao público. Anteriormente, foi dito, neste artigo, que essa obra foi preservada ao longo da Idade Média devido a confusão entre Justino, o historiador, e Justino, o Mártir (Mineo, Zecchini, 2016), embora, deva se considerar também que a escrita era interessante o suficiente aos seus leitores do período para ser preservada.

Para além da recepção do leitor romano, deve-se considerar também o contexto histórico e cultural de relações entre os chamados “ocidente” e “oriente”, algo que os romanos dos séculos II e III d.C., tal qual o historiador em questão, estavam sujeitos. Anteriormente, foi visto como Heródoto, o proclamado “Pai da História”, inicia suas “Histórias” estabelecendo um elo de alteridade entre gregos e os persas. Mais tarde, no século IV a.C., outro pensador helênico de renome, Aristóteles, encoraja Alexandre da Macedônia a conquistar a Pérsia, dizendo que deveria ser “um líder para os gregos e um despota para os bárbaros” (Green, 1991, p. 58-59). Dito isso, poderíamos listar aqui as múltiplas vezes que algum grande escritor de outrora – tais quais Xenofonte em “Anábase” e Ésquilo em “Os Persas”, como mais alguns exemplos – fez um comentário, considerado, negativo acerca dos povos do leste, mas, basta dizer, que é possível observar que existia um choque cultural entre gregos e persas, algo herdado por romanos, assim como a maioria das tradições culturais helênicas.

Uma vez que, ao considerarmos a apropriação cultural da cultura grega pelos romanos, é possível que a percepção negativa dos orientais formada na Grécia tenha se difundido entre os latinos, fazendo com que textos críticos sobre os povos do Oriente encontrassem leitores interessados em Roma.

¹⁶ “Desses quarenta e quatro volumes portanto, pois foi esse o número que [Pompeio Trogó] publicou, eu extraí, durante o lazer que desfrutei na cidade [de Roma], o que havia de mais digno de ser conhecido; e, rejeitando as partes que não eram nem atraentes ao prazer da leitura, nem necessárias como exemplos.” (Justinus, 1853, p.18, tradução nossa). Nesse trecho é possível observar um pouco do método de escrita empregado por Justino, isto é, deixar o texto “atraente ao prazer da leitura”.

Todavia, há um outro elemento nisso, além do contexto cultural, o histórico, visto que entre os séculos II e III d.C. – possível data da criação da obra em análise –, romanos e persas haviam se enfrentado militarmente pelo controle estratégico da região da Mesopotâmia, sem sair de um impasse, cerca de nove vezes – Batalha de Carras de 53 a.C., Invasão Pompeiana de 40 a.C., Campanha Parta de Marco Antônio de 40-33 a.C., Guerra Romano-Parta de 58–63 d.C., Campanha Parta de Trajano de 113-117 d.C., Campanha Parta de Lúcio Vero de 161-166 d.C., Batalha de Ctesifonte de 198 d.C., Guerra Parta de Caracala de 216-17, e a Campanha de Alexandre Severo de 231-233 (Schlude, 2019)¹⁷. Dada essa lista, observa-se uma frequência maior de batalhas entre o final do século II e o início do século III d.C., justamente o período teorizado de ser a data de confecção da obra do historiador Marco Juniano Justino.

Para além disso, nesse mesmo período, Mitraísmo, um culto de mistério de origem iraniana, inspirado no *yazata* Mitra do Zoroastrianismo, se tornou muito popular entre os legionários do exército imperial romano (Clauss, 2000, p. 25). Isso também se aplica ao Maniqueísmo, surgido na Mesopotâmia Parta, que prosperou entre os séculos III e VII, cujas igrejas e escrituras existiram no extremo leste até a Dinastia Han e no extremo oeste até o Império Romano (Welburn, 1998, p. 68). Ademais, houve também uma controvérsia religiosa do período envolvendo religiosidades orientais e um imperador romano, isto é, a breve elevação da divindade síria Heliogábalo como deus supremo do panteão romano pelo Imperador Heliogábalo em 220 d.C. que causou muito repúdio pelas classes senatoriais conservadoras (Kienast, 1990, p. 165–170).

Dentro dessa linha pensamento, é possível considerarmos que existia um choque cultural que levou a uma visão negativa do Oriente, observada em pensadores gregos, herdada pelos romanos, intensificada pelas múltiplas guerras romano-partas e religiosidades orientais, bem como o fato que uma narrativa desse tipo – leia-se, preenchida de exotismos, como efeminação e magia, e tropos literários, como mortes trágicas e incesto – seria de grande interesse às audiências romanas do período, que, segundo nossa hipótese, influenciou o pensamento de Justino e sua escrita acerca de

¹⁷ Como mencionado anteriormente, não é sabido exatamente quando “Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogó” foi escrita por Justino, argumenta-se entre os séculos II e III d.C. Todavia houve guerras romano-persas posteriores a citada, no entanto, trata-se de um período mais tardio, a Crise do Terceiro Século (235–285 d.C.), quando os conflitos já não mais são com a Dinastia Parta (247 a.C. – 224 d.C.) e sim a Dinastia Sassânida (224–651 d.C.), bem como é posterior a Dinastia Severa (193-235 d.C.), um período que não foi associado a vida do historiador Marco Juniano Justino.

Semíramis e do povo assírio.

Um autor que nos ajuda a pensar sobre a forma como o mundo ocidental olha para o Oriente é Edward Said, sobretudo a partir de sua obra *Orientalismo* (2003). Por mais que Said seja um pensador que formula hipóteses sobre a contemporaneidade, acreditamos que alguns conceitos presentes em sua obra podem nos ajudar a fundamentar teoricamente hipóteses sobre os possíveis motivos da animosidade entre os escritores latinos e a figura de Semíramis.

De acordo com Edward Said (2003), muitos autores que escrevem acerca do Oriente não se atentam ao objeto em si, mas em sua exterioridade, para além do Ocidente, e o principal produto dessa exterioridade é a representação, não uma descrição factual do Oriente, dando um exemplo disso na Antiguidade, na peça *Os persas* de Ésquilo¹⁸. Said continua argumentando que as evidências para tais representações podem ser encontradas em ambos os textos artísticos e científicos, através do emprego de “estilo, as figuras de retórica, o cenário, os esquemas narrativos, as circunstâncias históricas e sociais, e não a correção da representação, nem sua fidelidade a algum grande original” (Said, 2003, p. 43).

Ao seguirmos a lógica proposta por esse professor de literatura¹⁹, ao longo deste artigo, foi observado, em Justino, o autor de um texto historiográfico, o uso de retórica – exotismos – e de esquemas narrativos – tropos literários – na descrição de Semíramis, não a fidelidade a sua principal inspiração, Samuramate. Não obstante, é válido lembrar que Justino, provavelmente, não tinha acesso a história desta rainha assíria, apenas registros de sua versão já em mito, uma vez que seu antecessor, Diodoro da Sicília (90-30 a.C.), já a descreve como um mito, como visto anteriormente. Ainda assim, em nenhum momento, esse historiador helenístico associa incesto a Semíramis, ao contrário do especialista em retórica, Justino, como um exemplo – poderíamos citar Zoroastro como inventor das artes

¹⁸ Acerca de *Os Persas* de Ésquilo, Said argumenta que “O Oriente é transformado, passando de uma alteridade muito distante e frequentemente ameaçadora para figuras que são relativamente familiares (no caso de Ésquilo, mulheres asiáticas aflitas). A proximidade dramática da representação em *Os persas* obscurece o fato de que o público está assistindo a uma encenação altamente artificial de algo que um não-oriental transformou num símbolo de todo o Oriente. A minha análise do texto orientalista, portanto, coloca a ênfase na evidência, de modo algum invisível, de tais representações como representações, e não como descrições ‘naturais’ do Oriente.” (Said, 2003, p. 43)

¹⁹ Muitas críticas foram realizadas acerca dos métodos, conteúdos e temas de “Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente”, tal qual o fato que proporciona uma visão muito maniqueísta e generalista das relações entre oriente e ocidente. Todavia, enquanto um estudo cultural crítico de representação do oriente, não há dúvidas que Edward Said renovou o discurso acadêmico.

mágicas também.

Por mais que Marco Juniano Justino não tenha iniciado a obscuração a memória de Samuramate, ele certamente contribuiu à representação de Semíramis e uma negativa. Basta leremos as referências literárias posteriores aos séculos II e III d.C. para isto, tais como a “Divina Comédia” de Dante Alighieri (1265-1321)²⁰, “Tito Andrônico” de William Shakespeare (1564-1616)²¹, “As Duas Babilônias” de Alexander Hislop (1807-1865)²² etc. Por muitos séculos, a memória de Semíramis se sobrepôs à de Samuramate. Até o advento da arqueologia e a descoberta das estrelas que narram a vida e os feitos dessa rainha assíria, o mito prevaleceu sobre a História.

Considerações finais

Ao longo da presente pesquisa, buscamos não apenas apresentar o mito de Semíramis, mas também lançar hipóteses sobre suas possíveis origens históricas, bem como sua recepção na sociedade romana. O mito de Semíramis se formou inicialmente a partir da memória da rainha assíria Samuramate, que foi uma mulher de poder na Assíria, o que fez com que sua memória fosse preservada. Não dispomos de documentações sobre as primeiras versões do mito de Semíramis; temos apenas as versões grega e romana do mito, que, como vimos, foi mais desenvolvida por Justino. Essa versão do mito estava inserida em um contexto latino de desvalorização do mundo oriental, e isso está evidente na narrativa mítica.

Na pesquisa histórica, os mitos devem ser entendidos não apenas como contos fantasiosos, mas como meios importantes pelos quais os grupos que os formulam podem expressar seu modo de ver o mundo e a sociedade como um todo. Isso fica muito claro na medida em que analisamos o mito e demonstramos as possíveis razões históricas pelas quais os personagens foram caracterizados de uma determinada maneira na narrativa literária. Na medida em que Semíramis foi apresentada como uma mulher disfarçada de homem para ocupar o poder, mãe incestuosa, e seu filho apresentado como afeminado,

²⁰ Na *Divina Comédia* (Canto V de Inferno), Dante coloca Semíramis entre as almas dos luxuriosos no Segundo Círculo do Inferno.

²¹ Em *Tito Andrônico* (Ato II, Cena I), Shakespeare utiliza Semíramis como sinônimo de poder feminino, no entanto, numa comparação desfavorável.

²² Escrito pelo pastor presbiteriano, Alexander Hislop, “As Duas Babilônias” argumenta que a Igreja Católica é a Babilônia do Apocalipse descrito na Bíblia. Nessa interpretação, Semíramis é descrita como a Meretriz da Babilônia, descrita no Livro do Apocalipse da Bíblia, bem como a rainha-consorte e mãe de Ninrode, o construtor da Torre da Babilônia.

percebemos o quanto tais temas eram vistos com repulsa pelos romanos, a tal ponto de classificar os “outros” dessa maneira para demonstrar que “nós” não somos assim, sobretudo em um contexto de conflitos entre romanos e persas e tentativa por parte do Senado de impedir que algumas influências orientais adentrassem no império, como o maniqueísmo.

Nesse sentido, percebemos o poder do mito em transmitir mensagens a partir do contexto em que está inserido, na medida em que ele pode perpetuar alguns estereótipos já existentes. O historiador que deseja trabalhar com mitos deve estar atento a toda a carga histórica e ideológica por trás de tais narrativas, para assim extrair delas conteúdos importantes para sua pesquisa histórica.

Referências bibliográficas

- ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia*. 15. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.
- BARTLETT, Brett. *Justin's Epitome: The Unlikely Adaptation of Trogus' World History*. *Histos*, v. 8, p. 260-266, 2014.
- BECK, Roger. *Zoroaster, as perceived by the Greeks*. In: Encyclopaedia Iranica. [S. l.]: Columbia University, 2003. <https://www.iranicaonline.org/articles/zoroaster-iv-as-perceived-by-the-greeks>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- BREMNER, Jan. *The Birth of the Term “Magic”*. Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik, Bd. 126, p. 1-12, 1999.
- BREMNER, Jan; VEENSTRA, Jan. *The Metamorphosis of Magic from Late Antiquity to the Early Modern Period*. Peeters Publishers, 2002.
- CARLYLE, Thomas. Lecture I: The Hero as Divinity. In: CARLYLE, Thomas. *On heroes, hero-worship, & the heroic in history*: six lectures. London: James Fraser, 1841. p. 1-2.
- CASTRO SÁNCHEZ, José. Introdução. In: JUSTINO; TROGO, Pompeyo. *Epítome de las “Histórias Filípicas” de Pompeyo Togo*: Prólogos, Fragmentos. Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008. p. 7-54.
- CLAUSS, Manfred. *The Roman Cult of Mithras: The god and his mysteries*. Edinburgh University Press, 2000.
- COLQUHOUN, Patrick. *A Summary of the Roman Civil Law, Illustrated by Commentaries on and Parallels from the Mosaic, Canon, Mohammedan, English, and Foreign Law*. London: Wm. Benning & Co., 1849.

DIODORO DA SICÍLIA. Livro 2.1-28. In. *Biblioteca Histórica*: tradução de C. H. Oldfather. [S. l.]: [s.n.], 1933-1954.

EDWARDS, Catharine. *The Politics of Immorality in Ancient Rome*. Cambridge University Press, 1993.

FATTORI, Anita. Sammu-ramat. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael; VIEIRA NETO, Ivan (org.). *Compêndio histórico de mulheres da antiguidade*, vol. 1: a presença das mulheres na literatura e na história. Goiânia: Editora Tempestiva, 2021.

GERA, Deborah. *Warrior Women: The Anonymous Tractatus De Mulieribus*. Leiden: BRILL, 1997.

GREEN, Peter. *Alexander of Macedon*. Berkeley: University of California Press, 1991.

HARTOG, François. *The mirror of Herodotus: the representation of the other in the writing of history*. Berkeley: University of California Press, 1988.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. Análise de Vítor de Azevedo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v. 1.

HOLLAND, Tom. *Rubicon: the last years of the Roman Republic*. New York: Anchor, 2005.

JUSTINUS, Marcus Junianus. *Epitome of Pompeius Trogus' Philippic Histories*. Tradução e notas de John Selby Watson. London: Henry G. Bohn, 1853.

KARLSSON, Mattias. *Relations of power in early Neo-Assyrian state ideology*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2016.

KAZHDAN, Alexander (ed.). *The Oxford dictionary of Byzantium*. New York: Oxford University Press, 1991. 3 v.

KIENAST, Dietmar. Elgabal. In: KIENAST, Dietmar. *Römische Kaisertabelle: Grundzüge einer römischen Kaiserchronologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2017, p. 165–170.

LEVENE, David. Roman Historiography in the Late Republic. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 275–289.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

MÁXIMO, Valério. Of Anger and Hatred. In: MÁXIMO, Valério. *Memorable deeds and sayings*. Tradução de Samuel Speed. London: I.C., 1678. p. 445.

MELVILLE, Sarah C. *Neo-Assyrian Royal Women and Male Identity: Status as a Social Tool*. Journal of the American Oriental Society, v. 124, n. 1, p. 37-57, jan./mar. 2004.

MINEO, Bernard; ZECCHINI, Giuseppe. *Justin, Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*: Tome I: Livres I-X. Paris: Les Belles Lettres, 2016. (Collection des Universités de France).

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto. Semíramis. In: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto. *Historiadores Latinos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 240-243.

PLINY, the Elder. XXX.2.3. In: PLINY, the Elder. *Natural History*. Tradução de J. Bostock e H. T. Riley. London: Taylor & Francis, 1855.

PLUTARCO. *Diálogo Sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas de Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009.

PLUTARCO. *Plutarch's Moralia III*. Tradução de Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

POZZER, Katia. Naqī'a. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael; VIEIRA NETO, Ivan (org.). *Compêndio histórico de mulheres da antiguidade*, vol. 1: a presença das mulheres na literatura e na história. GO: Ed. Tempestiva, 2021. p. 285–290.

RAWLINSON, H. C. *The Persian Cuneiform Inscription at Behistun, Decyphered and Translated; With a Memoir on Persian Cuneiform Inscriptions in General, and on That of Behistun in Particular*. The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland, v. 10, p. i-lxxi, 1-265, 268-349, 1848.

SAID, Edward. *Orientalismo*: O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003.

SCHLUDE, Jason. *Parthian-Roman Wars*. In: *Oxford Classical Dictionary*. [S. l.]: Oxford University Press, 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/display/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001>. Acesso em: 7 jul. 2024.

SILVA, Henrique Edigton da Costa; CAVICCHIOLI, Marina Regis. Σεμίραμις > Semíramis. In: SILVA, Semíramis Corsi; BRUNHARA, Rafael; VIEIRA NETO, Ivan (org.). *Compêndio histórico de mulheres da antiguidade*, vol. 1: a presença das mulheres na literatura e na história. Goiânia: Editora Tempestiva, 2021. p. 280-281.

SHAKESPEARE, William. *Tito Andrônico*. Milan: Feltrinelli Editore, 1999.

SVÄRD, Saana. Neo-Assyrian elite women. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean Macintosh (ed.). *Women in Antiquity: Real Women across the Ancient World*. London: Routledge, 2016. p. 126-137.

TOLMAN, Herbert Cushing. Magu. In: TOLMAN, Herbert Cushing. *Ancient Persian lexicon and the texts of the Achaemenid inscriptions transliterated and translated with special reference to their recent re-examination*. New York; Cincinnati; Chicago:

American Book Company, 1908. p. 115–116. (Vanderbilt Oriental Series, v. 6).

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Tradução de Horácio González e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VISSCHER, Marijn. *Beyond Alexandria: literature and empire in the Seleucid world.* New York: Oxford University Press, 2020.

WELBURN, Andrew. *Mani, the Angel and the Column of Glory: an Anthology of Manichaean Texts.* Edinburgh: Floris Books, 1998.

YARDLEY, John. *Justin and Pompeius Trogus: a study of the language of Justin's "Epitome" of Trogus.* Toronto: University of Toronto Press, 2003.